A NOVA ESCOLA
(UMA QUE CESSE DE NÃO SE ESCREVER)

Rosângela Corgosinho

Estamos em duros tempos de construção de uma associação nacional, principalmente porque ela antecede uma outra construção: a de uma Escola para analistas. Pelo visto, funcionará ao lado desta em disjunção - junção, na sempre difícil tentativa de se estabelecer um laço entre o discurso analítico, questão da particularidade do desejo de cada um e, portanto, fora de um sistema hierárquico e o discurso do mestre que implica uma hierarquia que funcione. Crise é um dos nomes naturais desse laço tenso, instaurada pelo fato de que não há uma relação possível entre uma escritura e outra. Mesmo porque, lembramos, esses discursos inserem-se numa série que também se fazem presentes nas instituições psicanalíticas: o discurso da histérica e o discurso universitário. Sabemos que o que existe é a passagem de um discurso a outro. Que se são quatro, o são pelo fato mesmo da emergência do discurso analítico, desde que repousam sobre seu fundamento. Democracia de base. A meu ver, o regime democrático revela que existem diferenças e por isso, talvez, alguns considerem que a democracia é niveladora das diferenças. Na verdade, não se pode nivelar discursos, pode-se, isso sim, dar lugar a diferentes discursos. Evidentemente esta opinião não é e não deveria ser um consenso. O regime monárquico, por exemplo, até hoje encontra na marca da própria alteridade argumento para afirmar que a tradição e a hierarquia são fontes de estabilidade para as comunidades e as nações.

Projeto paradoxal: de um lado a posição radical de solidão que faz

com que seja impossível aos analistas formarem grupo, e de outro o fato de que lhes é impossível não se perguntarem analiticamente sobre seu trabalho, desde que seja um trabalho em comum. Isto é, precisam encontrar uma lógica de organização de um coletivo que não desconheça a psicanálise. "Toda associação, toda instituição por estrutura, tende a restaurar a unidade, a estabelecer a hòmogeneidade. Portanto, como uma instituição, com semelhante tendência pode transmitir uma descoberta de onde a unidade se divide, se descentra? Como transmitir uma descoberta que significa a divisão do sujeito? Este é o paradoxo que trabalha sistematicamente a história da psicanálise e de suas instituições."(Historia y Escuela- J. Ignacio Cortijo). Assim, temos um instigante projeto a realizar: instaurar um discurso de mestre que funcione a fim de conceber e praticar um laço social que não seja indigno daquilo que nos ensina uma psicanálise.

Instaura-se naturalmente, pois, um debate entre Associação e Escola. Tentamos criar a primeira para pensar a segunda, lugares de predominância de diferentes discursos, porém articulados entre si. De um lado, o registro da instituição, seus estatutos, seus regulamentos, seus mecanismos de assembléia. De outro, o discurso analítico que interpreta a própria instituição no que diz respeito à palavra, desde que essa interpretação tem a ver com a relação do sentido do gozo, introduzindo outro regime de significante, para além do significante articulado. E se de um lado, o discurso do mestre permanece como o princípio organizador, fazendo borda ao coletivo que não é massa, multidão, incluindo, pois uma relação à castração, de outro, podemos pensar que as sociedades psicanalíticas por se fundarem no real em jogo na própria formação do psicanalista, permitem, por vezes, que se produza sua negação sistemática. Além disso, as instituições psicanalíticas podem vir a ser utilizadas como resistência à castração.

Freud utilizava-se de alguns conceitos para formular o que era da ordem da análise e o que não era. Entre esses demarcava o inconsciente, a transferência, a resistência, a pulsão. Em "Situação da psicanálise em 1956", Lacan observa que se os analistas congregavam-se em torno desses conceitos, isto se dava ao preço de uma retirada de sua significação. Assim é que em seu ensino preocupou-se em restituir a Freud sua enunciação. Sabemos que as enunciações sempre têm efeitos de embaraço, efeitos insuportáveis. A história do movimento psicanalítico demonstra muito bem esta tese, principalmente o movimento retomado por Lacan, que inclusive interroga o ato analítico para daí depreender o que qualifica o analista. Ato que, exatamente por romper com um pensamento vigente, é insuportável ao não fornecer nenhuma previsão de suas conseqüências.

Real em ato cuja propriedade é fazer surgir o que não anda bem no grupo psicanalítico, apontando o que nele faz sintoma. É, talvez, em decorrência disso que as instituições psicanalíticas, como quaisquer outras sociedades humanas, correm o risco de buscar sua sobrevivência num refúgio confortável fora do ato, digamos assim.

Jacques Lacan não descuidou absolutamente de um rigor precioso para a consideração do agrupamento dos analistas. Tratou dos princípios e dispositivos para uma Escola em: " A Proposição de 1967", "A Ata de Fundação", "A carta aos Italianos", todos eles textos em que trata dos traços estruturais para uma organização coletiva, não sendo eles os únicos sobre o assunto. De qualquer forma, em seu ensino nos dá várias indicações sobre a Escola em sua função institucional, da permutação enquanto o princípio do não todo, e por último, mas não o menos importante, do dispositivo do cartel.

O cartel foi colocado por ele como um dispositivo adequado para fazer a aprendizagem de um funcionamento antigrupal. Mesmo porque a permutação e a dissolução estão incluídas no cartel, enquanto experiência de descolamento. É fato conhecido de todos que em Paris, no ano de 1980, afirma não querer deixar os analistas sem recursos. Propõe-lhes, então, insistir no efeito de discurso que se funda sobre a diferença pela via do cartel, em lugar de se refugiar no grupo que tem tendência a se transformar em sindicato. Além disso, apresenta o cartel como um mecanismo que pode limitar o desencadeamento do real, que muito freqüentemente agita o movimento psicanalítico. Para isso uma condição é necessária: aprender a ler o nó, essa escrita que se impõe do efeito de discurso.

Enquanto um lugar que não é de ensino, o cartel pode ensinar por acréscimo, à medida que a "transferência de trabalho" faça a sua parte, com seu funcionamento em relação com o trabalho do inconsciente. É claro, o trabalho de transferência em análise, por supor um Outro consistente, diferencia-se totalmente da "transferência de trabalho" no interior dos cartéis, exatamente porque aí é apontada a inconsistência do Outro. E se há ensino, só é possível transmitir psicanálise de um sujeito a outro pelo viés de uma transferência a aquilo que o causa. Isso se torna mais importante tendo em vista que uma comunidade de trabalho significa o que designa o termo transferência, para saber lidar com ela.

Há locais privilegiados onde se trata de fazer prevalecer o particular da enunciação sobre o lugar que se ocupa na hierarquia institucional, locais onde a Escola pode se tornar Outro para ela mesma. O dispositivo do passe é, sem dúvida alguma, uma experiência importante do real na Escola

(êxtimo ou no seu interior). E o dispositivo do cartel sabe suportar o insuportável, tanto no interior da Escola, quanto em seu exterior. Quando um grão de areia (enquanto lugar de um real que não tinha sido identificado) toma as proporções de uma tempestade no deserto.

Como então pensar uma "Nova Escola", uma que fosse agalmática, desejável? "Novo é também o termo que qualifica, numa circunstância, o efeito esperado da psicanálise. Mas há o novo programado, mesmo se todas as suas conseqüências não são conhecidas, o novo que é inerente à permutação(...). Há também o novo que não se antecipa, aquele da situação da Escola em um dado momento, que cada vez impõe seu diagnóstico". (Marc Strauss, La Lettre Mensuelle, nº 136, citado por Marc Strauss em: Opção Lacaniana nº 20).

Proponho assim para o debate pensarmos que uma Escola do passe só é possível, se for também uma Escola do cartel.

Belo Horizonte, 21 de Setembro de 1999.